

Cidades têm manifestações contra o assassinato de Moïse



Manifestantes carregam faixa durante ato no quiosque Tropicália, onde Moïse Kabagambe foi morto. Tercio Teixeira/Folhapress

Em protesto no Rio, mãe de Moïse pede ‘justiça até o final’

Ato em homenagem ao congolês defende fim de estrutura racista no Brasil

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO Movimentos sociais realizaram neste sábado (5) na orla da Barra da Tijuca, na zona oeste do Rio de Janeiro, um ato contra o racismo e que pediu justiça para Moïse Kabagambe, 24, congolês morto a pauladas no local.

Num carro de som em frente ao quiosque Tropicália, onde o congolês foi morto, a comerciante Lotsove Lolo Lavy Ivone, 43, mãe de Moïse, fez um curto discurso emocional. “Vamos pedir justiça até o final”, disse ela.

O advogado Bruno Cândido, membro do comitê jurídico do ato, explicou o que significa “justiça até o final” para os manifestantes.

“Justiça até o final está ligada a uma perspectiva mais profunda que vai além da responsabilização penal dos indivíduos que cometeram esse ato. Mas também a responsabilização social, com um processo de consciência e afirmação de direitos”, disse o advogado.

“Justiça social está ligada a um processo igualitário de ascensão econômica e distribuição de direitos. É romper a lógica da desigualdade como parte fundante da nossa sociedade”. Para ele, a prisão dos três suspeitos do crime “é

o mínimo”. “É importante entender que esses atos não são pontuais. São construções históricas que legitimam e naturalizam pela nossa sociedade”, afirmou Cândido.

De acordo com o comando do policiamento local, cerca de mil pessoas estavam presentes ao ato às 18h. Havia bandeiras de centrais sindicais, movimentos sociais e partidos políticos.

Um grupo demonstrou intenção de destruir o quiosque Tropicália. A iniciativa foi interrompida após a mãe de Moïse pedir calma. Apenas o letreiro do estabelecimento foi retirado e quebrado.

Moïse foi morto na noite do dia 24 de janeiro a pauladas por três homens que também trabalhavam em estabelecimentos da orla da Barra.

Aelson Fonseca, 27, Brendon da Silva, 21, e Fábio Pinheiro da Silva, 41, foram presos temporariamente por 30 dias na terça-feira (1º).

As imagens do quiosque

Tropicália mostram Moïse discutindo com um funcionário do local. O congolês, em determinado momento, abre um freezer, o que aumenta a confusão. De acordo com esse funcionário, Moïse estava bêbado e queria pegar cerveja de graça, o que originou a discussão entre os dois. A mesma versão foi dada por Aelson Fonseca.

Os três suspeitos trabalham em quiosques e barracas da praia da Barra da Tijuca. Eles afirmaram que foram protegidos por um funcionário do Tropicália e iniciaram as agressões.

Familiares do congolês disseram à imprensa que ele foi cobrar uma dívida no quiosque. Contudo, esse tema não é mencionado em nenhum depoimento dado à polícia, nem mesmo nas falas dos parentes da vítima.

A polícia ainda investiga para esclarecer a motivação do crime. Não há indícios, até o momento, de um mandante do homicídio.

Imigrantes e ativistas participam de manifestação em SP

Carlos Petrocilo e Mathilde Missioneiro

SÃO PAULO Imigrantes, ativistas e uma parcela da população de São Paulo foram até a avenida Paulista, na manhã deste sábado (5), protestar pela morte brutal do congolês Moïse Mugenyi Kabagambe, na manhã deste sábado (5).

O ato começou por volta das 10h, de forma tímida e pacífica, com dezenas de pessoas. Os manifestantes ocupavam apenas o vão do MASP (Museu de Arte de São Paulo). Aos poucos, o movimento ganhou adeptos e a via, no sentido centro, precisou ser bloqueada. Os organizadores afirmaram que o evento reuniu 8.000 pessoas — a PM não fez estimativa de público.

A paulistana Maisa Maga



Militantes participam de ato em Brasília. Pedro Ladeira/Folhapress

cho soube do protesto, pela internet, e sozinha fez o seu cartaz e foi até o MASP: “Precisamos desestruturar o racismo, estamos já em 2022 e até quando? Esse tipo de situação é inaceitável e queremos igualdade, igualdade”, disse a ouvives.

Além de se solidarizarem pela morte de Moïse e pedir rigor na apuração do crime, os imigrantes africanos clamaram por igualdade, respeito e à atenção das autoridades brasileiras.

Primeiro a discursar, o angolano João Canda pediu por oportunidades ao povo negro. “Nós só escolhemos um refúgio no Brasil em razão da nossa cultura, dos nossos ancestrais. Este país é nosso também, temos direitos e merecemos respeito”, afirmou.

Prefeitura do Rio vai transformar quiosque em memorial à África

A Prefeitura do Rio vai transformar o quiosque Tropicália, onde o congolês Moïse Kabagambe foi morto, num memorial em homenagem à cultura africana. O projeto, divulgado neste sábado (5) em parceria com a concessionária Orla Rio, inclui o quiosque Biruta, colado ao local do crime. A prefeitura prevê que um dos espaços seja administrado pela família do congolês. A intenção é que refugiados africanos trabalhem no local, para que ele vire um ponto de referência da cultura do continente.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Página:** 3